

**ANO SANTO
EXTRAORDINÁRIO
DA MISERICÓRDIA
2015 - 2016**

***O QUE O PAPA FRANCISCO
NOS ENSINA E NOS PROPÕE***

Textos da Bula "Misericordiae Vultus"

"O Rosto da Misericórdia"

Versão Pastoral de Côn. Luiz Carlos F. Magalhães

PARA USO INTERNO

Apresentação

Dentro do Projeto de Formação Permanente da Paróquia Cristo Rei, Campinas, nos propusemos a aproveitar sempre os ensinamentos do Papa para inspirar nossa Comunidade. Assim fizemos como os textos "O Ano da Fé", "Paróquias ontem e hoje" e "A Alegria do Evangelho".

Os Encontros de Formação visam descobrir ações concretas, num esforço conjunto, para concretizar outro Projeto: Ser uma "Paróquia em Estado Permanente de Missão".

Este texto é impresso apenas para USO INTERNO, servindo de instrumento de estudo, partilha e ação, sendo acompanhado da sugestão para que cada Agente de Pastoral leia a Bula Papal no original, em português, a fim de que tenha uma visão mais completa.

Esta versão pastoral foi elaborada para as noites de formação dos Agentes da Comunidade e membros da Comunidade que se interessam por um aprofundamento na presença e ação na Igreja e no Mundo.

Côn. Luiz Carlos F. Magalhães

Jornalista e psicopedagogo

fogodaterra@terra.com.br

CHEGOU A HORA DA MISERICÓRDIA

Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos, nós mesmos, sinal eficaz do agir do Pai.

Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação.

Misericórdia:

- é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade.

- é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro.

- é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida.

- é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.

Perante a gravidade do pecado, Deus responde com a plenitude do perdão. A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa.

Foi por isso que proclamei um ***Jubileu Extraordinário da Misericórdia*** como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes

Na festa da Imaculada Conceição, terei a alegria de abrir a Porta Santa. Será então uma *Porta da Misericórdia*, onde qualquer pessoa que entre poderá experimentar o amor de Deus que consola, perdoa e dá esperança.

Abrindo a Porta

O Ano Santo abrir-se-á no dia 8 de Dezembro de 2015, solenidade da Imaculada Conceição. Esta festa litúrgica indica o modo de agir de Deus desde os primórdios da nossa história.

- 1. No domingo seguinte**, o Terceiro Domingo de Advento, abrir-se-á a **Porta Santa** na Catedral de Roma, a Basílica de São João de Latrão. E em seguida será aberta a Porta Santa nas outras Basílicas Papais.
- 2. Estabeleço que no mesmo domingo**, em cada Igreja particular – na **Catedral**, que é a Igreja-Mãe para todos os fiéis, ou na Concatedral ou então numa Igreja de significado especial – se abra igualmente, durante todo o **Ano Santo**, uma **Porta da Misericórdia**.
- 3. Por opção do Ordinário**, a mesma poderá ser aberta também nos **Santuários**, meta de muitos peregrinos que frequentemente, nestes lugares sagrados, se sentem tocados no coração pela graça e encontram o caminho da conversão.

Assim, **cada Igreja Particular** estará diretamente envolvida na vivência deste Ano Santo como um momento extraordinário de graça e renovação espiritual.

Portanto, o Jubileu será celebrado, quer em Roma quer nas Igrejas particulares, como sinal visível da comunhão da Igreja inteira.

Agradecendo ao Concílio

Escolhi a data de 8 de Dezembro, porque é cheia de significado na história recente da Igreja. Com efeito, abrirei a **Porta Santa** no cinquentenário da conclusão do Concílio Ecu-
mênico Vaticano II.

A Igreja sente a necessidade de manter vivo aquele acontecimento que foi o Concílio. Foi um verdadeiro sopro do Espírito: era a exigência de falar de Deus aos homens do seu tempo de modo mais compreensível. Chegara o tempo de anunciar o Evangelho de maneira nova. Uma nova etapa na evangelização de sempre. Um novo compromisso para todos os cristãos: testemunhar, com mais entusiasmo e convicção, a sua fé.

1. São João XXIII fala na abertura do Concílio: «Nos nossos dias, a Igreja Católica prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade”. (...) Deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade com os filhos que dela se separam ».

2. E o Beato Paulo VI assim falou na conclusão do Concílio: «Uma corrente de interesse e admiração saiu do Concílio sobre o mundo atual. “Rejeitaram-se os erros, como a própria caridade e verdade exigiam, mas os homens, salvaguardado sempre o preceito do respeito e do amor, foram apenas advertidos do erro».

Com estes sentimentos de gratidão atravessaremos a **Porta Santa** com a plena confiança de sermos acompanhados pela força do Senhor Ressuscitado, que continua a sustentar a nossa peregrinação... Queremos viver este Ano Jubilar à luz desta palavra do Senhor: *Misericordiosos como o Pai*.

Fechando a Porta

O Ano Jubilar terminará na solenidade litúrgica de Jesus Cristo, Rei do Universo, 20 de Novembro de 2016.

Naquele dia, ao fechar a Porta Santa, animar-nos -ão, antes de tudo, sentimentos de gratidão e agradecimento à Santíssima Trindade por nos ter concedido este tempo extraordinário de graça.

Confiaremos a vida da Igreja, a humanidade inteira e o universo imenso à **Realeza de Cristo**, para que derrame sobre nós a sua misericórdia, como o orvalho da manhã, para a construção duma história fecunda com o compromisso de todos, no futuro próximo.

Vivendo o Jubileu

Quanto desejo que os anos futuros sejam permeados de misericórdia para ir ao encontro de todas as pessoas, levando-lhes a bondade e a ternura de Deus!

A todos, crentes e afastados, possa chegar o bálsamo da misericórdia como sinal do Reino de Deus já presente no meio de nós.

No Evangelho de Lucas, todos encontram outro aspecto importante para **viver**, com fé, o Jubileu... Quando Ele foi à Sinagoga e leu a passagem de Isaías: "O espírito do Senhor Deus está sobre mim..." (61,1-2), Ele proclamou "um ano de misericórdia "... É o que nós desejamos viver.

Vivamos intensamente o Jubileu, pedindo ao Pai o perdão dos pecados e a indulgência misericordiosa em toda a sua extensão.

É meu vivo **desejo** que o povo cristão reflita, durante o Jubileu, sobre as **obras de misericórdia, corporal e espiritual**. Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza. E também, uma maneira de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina.

MISERICÓRDIA – UM JEITO DE SER

O agir de Deus

Deus permanecerá para sempre na história da humanidade como Aquele que está presente, Aquele que é próximo, providente, santo e misericordioso. Em virtude da misericórdia, todos os acontecimentos do Antigo Testamento aparecem cheios dum valor salvífico profundo.

« Paciente e misericordioso » é o binômio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus. O fato de Ele ser misericordioso encontra um reflexo concreto em muitas ações da história da salvação, onde a sua bondade prevalece sobre o castigo e a destruição.

Na Sagrada Escritura... a misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para conosco. Ele não Se limita a afirmar o seu amor, mas torna-o visível e palpável. Aliás, o amor nunca poderia ser uma palavra abstrata... A misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós. Ele sente-Se responsável, isto é, deseja o nosso bem e quer ver-nos felizes, cheios de alegria e serenos.

“Eterna é a sua misericórdia”: tal é o refrão que aparece em cada versículo do Salmo 136, ao mesmo tempo em que se narra a história da revelação de Deus. Em virtude da misericórdia, todos os acontecimentos do Antigo Testamento aparecem cheios dum valor salvífico profundo.

A prática de Jesus

Antes da Paixão, Jesus rezou ao Pai com este Salmo da misericórdia. Assim o atesta o evangelista Mateus quando afirma que « depois de cantarem os salmos » (26, 30), Jesus e os discípulos saíram para o Monte das Oliveiras. Enquanto instituía a Eucaristia, como memorial perpétuo d’Ele e da sua

Páscoa, Jesus colocava simbolicamente este ato supremo da Revelação sob a luz da misericórdia. No mesmo horizonte da misericórdia, viveu Ele a sua paixão e morte, ciente do grande mistério de amor que se realizaria na cruz.

Tudo n'Ele fala de misericórdia. N'Ele, nada há que seja desprovido de compaixão. Em todas as circunstâncias, o que movia Jesus era apenas a misericórdia,

1. Vendo que a multidão de pessoas que O seguia estava cansada e abatida, Jesus sentiu, no fundo do coração, uma intensa compaixão por elas (cf. *Mt 9, 36*).
2. Quando encontrou a viúva de Naim que levava o seu único filho a sepultar, sentiu grande compaixão pela dor imensa daquela mãe em lágrimas, e entregou-lhe de novo o filho, ressuscitando-o da morte (cf. *Lc 7, 15*).
3. Depois de ter libertado o endemoninhado de Gerasa, confia-lhe esta missão: « Conta tudo o que o Senhor fez por ti e como teve misericórdia de ti » (*Mc 5, 19*).
4. A própria vocação de Mateus se insere no horizonte da misericórdia... Ide e aprendei o que significam as palavras "Quero misericórdia e não sacrifícios" (*Mt 9,9*)
5. Quando interpelado pela pergunta de Pedro sobre quantas vezes fosse necessário perdoar, Jesus respondeu: « Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete » (*Mt 18, 22*)
6. A parábola do « servo sem compaixão » mostra como aquele convidado pelo senhor a devolver uma grande quantia... perdoa-lhe a dívida. Mas, imediatamente depois, recusa-se a perdoar aquele que devia-lhe menos... (*Mt 18, 33*).

7. Conhecemos ainda três parábolas, em especial, dedicadas à misericórdia: as da ovelha extraviada, da moeda perdida, a do pai com os seus dois filhos (cf. Lc 15, 1-32)

Nestas parábolas, Deus é apresentado sempre cheio de alegria, sobretudo quando perdoa. Nelas, encontramos o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão.

A proposta do Papa

São João Paulo II surpreendeu a Igreja na sua segunda encíclica chamando a atenção para o tema da Misericórdia:

1. A mentalidade contemporânea, talvez mais que a do homem do passado, parece opor-se ao Deus de misericórdia. Além disso, tende a separar da vida e a tirar do coração humano a própria ideia da misericórdia.
2. A palavra e o conceito de misericórdia parecem causar mal-estar ao homem: ... O enorme desenvolvimento da ciência e da técnica parece não deixar espaço para a misericórdia.
3. É urgente anunciar e testemunhar a misericórdia no mundo contemporâneo: Ela é ditada pelo amor para com o homem, para com tudo o que é humano e que, segundo a intuição de grande parte dos contemporâneos, está ameaçado por um perigo imenso.
4. A Igreja vive uma vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia, o mais admirável atributo do Criador e do Redentor, e quando aproxima os homens das fontes da misericórdia do Salvador, das quais ela é depositária e dispensadora

MISERICÓRDIA – CONVERSÃO DO CORAÇÃO

Somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco. O perdão das ofensas torna-se a expressão mais evidente do amor misericordioso e, para nós cristãos, é um imperativo de que não podemos prescindir. Tantas vezes, como parece difícil perdoar! E, no entanto, o perdão é o instrumento colocado nas nossas frágeis mãos para alcançar a serenidade do coração.

Deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança são condições necessárias para se viver feliz. Acolhamos, pois, a exortação do Apóstolo: « Que o sol não se ponha sobre o vosso ressentimento » (*Ef 4, 26*). E sobretudo, escutemos a palavra de Jesus que colocou a misericórdia como um ideal de vida e como critério de credibilidade para a nossa fé: « Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia » (*Mt 5, 7*) é a bem-aventurança a que devemos inspirar-nos, com particular empenho, neste Ano Santo.

É triste ver como a experiência do perdão na nossa cultura vai rareando cada vez mais. Em certos momentos, até a própria palavra parece desaparecer. Todavia, sem o testemunho do perdão, resta apenas uma vida infecunda e estéril, como se se vivesse num deserto desolador. Chegou de novo, para a Igreja, o tempo de assumir o anúncio jubiloso do perdão. É o tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos. O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança.

O DESAFIO DE VIVER O JUBILEU

É meu vivo **desejo** que o povo cristão reflita, durante o Jubileu, sobre as *obras de misericórdia, corporal e espiritual*. Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar

cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina.

A pregação de Jesus apresenta-nos estas obras de misericórdia, para podermos perceber se vivemos ou não como seus discípulos.

- a) Redescubramos as obras de ***misericórdia corporal***: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos.
- b) Não esqueçamos as obras de ***misericórdia espiritual***: aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos.

É missão de cada um

Neste Ano Santo, poderemos fazer a experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática.

Quantas situações de precariedade e sofrimento presentes no mundo atual! Quantas feridas gravadas na carne de muitos que já não têm voz, porque o seu grito foi esmorecendo e se apagou por causa da indiferença dos povos ricos.

Neste Jubileu, a Igreja sentir-se-á chamada ainda mais a cuidar destas feridas, aliviá-las com o óleo da consolação, enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas.

Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a

novidade, no cinismo que destrói. Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda.

As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo.

Este Ano Santo traz consigo a riqueza da missão de Jesus que ressoa nas palavras do Profeta:

- levar uma palavra e um gesto de consolação aos pobres, anunciar a libertação a quantos são prisioneiros das novas escravidões da sociedade contemporânea, devolver a vista a quem já não consegue ver porque vive curvado sobre si mesmo, e restituir dignidade àqueles que dela se viram privados.

A pregação de Jesus torna-se novamente visível nas respostas de fé que o testemunho dos cristãos é chamado a dar. Acompanhem-nos as palavras do Apóstolo: « Quem pratica a misericórdia, faça-o com alegria » (*Rom 12, 8*).

Este é o momento favorável para mudar de vida! Este é o tempo de se deixar tocar o coração. Diante do mal cometido, mesmo crimes graves, é o momento de ouvir o pranto das pessoas inocentes espoliadas dos bens, da dignidade, dos afetos, da própria vida.

Permanecer no caminho do mal é fonte apenas de ilusão e tristeza. A verdadeira vida é outra coisa. Deus não se cansa de estender a mão. Está sempre disposto a ouvir, e eu também estou, tal como os meus irmãos bispos e sacerdotes. Basta acolher o convite à conversão e submeter-se à justiça, enquanto a Igreja oferece a misericórdia.

PASTORAL DA MISERICÓRDIA

A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém.

No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida na nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser reproposto com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada.

É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiá-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia.

A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E, deste amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo, a Igreja faz-se serva e mediadora junto dos homens.

Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai. Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos – em suma, onde houver cristãos –, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia.

A peregrinação é um sinal peculiar no Ano Santo, enquanto ícone do caminho que cada pessoa realiza na sua existência. A vida é uma peregrinação... Também para chegar à Porta Santa, tanto em Roma como em cada um dos outros lugares, cada pessoa deverá fazer, segundo as próprias forças, uma peregrinação. Esta será sinal de que a própria misericórdia é uma meta a alcançar que exige empenho e sacrifício. Por isso, a peregrinação há-de servir de estímulo à conversão: ao atravessar a Porta Santa, deixar-nos-emos abraçar pela misericórdia de Deus e comprometer-nos-emos a ser misericordiosos com os outros como o Pai o é conosco.

Carta do Papa Francisco sobre o Ano Santo

Indicações práticas do Papa Francisco para todos os católicos que desejam aproveitar o Ano Santo da Misericórdia para fazer uma "experiência viva de proximidade com o Pai, um verdadeiro momento de encontro com a misericórdia de Deus". A Carta é dirigida a Dom Rino Fisichella, Presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização.

1. - PARA TODOS OS FIEIS - Para viver e obter a indulgência os fiéis devem realizar uma breve peregrinação rumo à Porta Santa, aberta em cada Catedral ou nas igrejas estabelecidas pelo Bispo, nas quatro Basílicas Papais em Roma, ou nos Santuários onde se abrir a Porta da Misericórdia. **Em que condições?** Manifestar profundo desejo de verdadeira conversão, receber o Sacramento da Reconciliação, participar da celebração da santa Eucaristia acompanhado de uma reflexão sobre a misericórdia, fazer a profissão de fé e uma oração por mim e pelas intenções que trago no coração para o bem da Igreja e do mundo inteiro.

2. - PARA OS DOENTES, PESSOAS IDOSAS E SÓS, QUE NÃO PODEM SAIR DE CASA OU IR ATÉ À PORTA SANTA. Busquem viver com fé e esperança este momento de provação, recebendo a comunhão ou participando na santa Missa .

3.- PARA OS ENCARCERADOS QUE EXPERIMENTAM A LIMITAÇÃO DA SUA LIBERDADE. O Jubileu constituiu sempre a oportunidade de uma grande anistia: merecedoras de punição, tomem consciência da injustiça perpetrada, desejo de conversão. NAS CAPELAS DOS CÁRCERES poderão obter a indulgência. E todas as vezes que passarem pela **porta da sua cela**, dirigindo o pensamento e a oração ao Pai, que este gesto signifique para eles a passagem pela Porta Santa, porque a misericórdia de Deus é capaz de mudar os corações, consegue também transformar as grades em experiência de liberdade.

4.- QUE A IGREJA REDESCUBRA, neste tempo jubilar, a riqueza contida nas OBRAS DE MISERICÓRDIA CORPORAIS E ESPIRITUAIS. De fato, a experiência da misericórdia torna-se visível no testemunho de sinais concretos como o próprio Jesus nos ensinou. Todas as vezes que um fiel viver uma ou mais destas obras pessoalmente obterá sem dúvida a indulgência jubilar.

5.- PARA OS FALECIDOS a indulgência jubilar pode ser obtida também, visto que a eles estamos unidos pelo testemunho de fé e caridade que nos deixaram. Assim como os recordamos na celebração eucarística, também podemos, no grande mistério da comunhão dos Santos, rezar por eles, para que o rosto misericordioso do Pai os liberte de qualquer resíduo de culpa e possa abraçá-los na beatitude sem fim.

6.- PARA AS MULHERES QUE VIVERAM O DRAMA DO ABORTO, um dos graves problemas do nosso tempo. Há uma mentalidade difundida que as fez perder a necessária sensibilidade pessoal e social de acolhimento da vida. Há uma consciência superficial, que não se dá conta do gravíssimo mal cometido. Outros, ainda, vivem este momento como uma derrota, julgam que não têm outro caminho a percorrer. O que aconteceu é profundamente injusto; contudo, só a sua verdadeira compreensão pode impedir que se perca a esperança. O perdão de Deus não pode ser negado a quem quer que esteja arrependido, sobretudo quando com coração sincero se aproxima do Sacramento da Confissão para obter a reconciliação com o Pai.

7.- A TODOS OS SACERDOTES, durante o Ano Jubilar, decidi conceder a faculdade de absolver do pecado de aborto a quantos o cometeram e, arrependidos de coração, pedirem que lhes seja perdoado. Os sacerdotes se preparem para esta grande tarefa sabendo conjugar palavras de acolhimento genuíno com uma reflexão que ajude a compreender o pecado cometido, e indicar um percurso de conversão autêntica

Papa Francisco, Vaticano, 1º de setembro de 2015

A QUARESMA NO ANO SANTO

*Uma experiência
da misericórdia de Deus*

**Textos da Bula "Misericordiae Vultus"
"O Rosto da Misericórdia"
Versão Pastoral de Côn. Luiz Carlos F. Magalhães**

PAPA FRANCISCO ADVERTE AOS PADRES

Texto de Estudo

PARA USO INTERNO

I n t r o d u ç ã o

A apresentação deste texto só pode ser feita com as próprias palavras do Papa Francisco, aquele que tem sido capaz de nos motivar para uma verdadeira Pastoral da Misericórdia, neste Tempo da Quaresma.

Na leitura da segunda parte da Bula “Misericordiae Vultus”, senti que o Papa está se dirigindo aos padres, exortando a viver a espiritualidade quaresmal de forma especial. Por isso, destaquei alguns textos para a reflexão dos irmãos no sacerdócio.

Juntando minha experiência de 52 anos de ministério, na catequese, juventude, comunicação e paróquia, com simplicidade tenho pensado sempre em partilhar minhas descobertas com os irmãos no sacerdócio. Apesar de saber que ainda tenho muito a aprender.

“Ouçam o que ele diz”. Nosso Papa Francisco.

Côn. Luiz Carlos F. Magalhães
Paróquia Cristo Rei

APRESENTAÇÃO

Neste Jubileu, deixemo-nos surpreender por Deus. Ele nunca Se cansa de escancarar a porta do seu coração, para repetir que nos ama e deseja partilhar conosco a sua vida.

A Igreja sente, fortemente, a urgência de anunciar a misericórdia de Deus. A sua vida é autêntica e credível, quando faz da misericórdia seu convicto anúncio. Sabe que a sua missão primeira... é a de introduzir a todos no grande mistério da misericórdia de Deus, contemplando o rosto de Cristo.

A Igreja é chamada, em primeiro lugar, a ser verdadeira testemunha da misericórdia, professando-a e vivendo-a como o centro da Revelação de Jesus Cristo

Neste Ano Jubilar, que a Igreja se faça eco da Palavra de Deus que ressoa, forte e convincente, como uma palavra e um gesto de perdão, apoio, ajuda, amor. Que ela nunca se canse de oferecer misericórdia e seja sempre paciente a confortar e perdoar.

Que a Igreja se faça voz de cada homem e mulher e repita com confiança e sem cessar: « Lembra-te, Senhor, da tua misericórdia e do teu amor, pois eles existem desde sempre» (S/25/24, 6).

Papa Francisco

*Roma, 11 de Abril – véspera do II Domingo de Páscoa
ou da Divina Misericórdia – do Ano do Senhor de 2015,
o terceiro de pontificado.*

Saiam da rotina

A Quaresma deste Ano Jubilar seja vivida mais intensamente como tempo forte para celebrar e experimentar a misericórdia de Deus. Quantas páginas da Sagrada Escritura se podem meditar, nas semanas da Quaresma, para redescobrir o rosto misericordioso do Pai!

Com as palavras do profeta **Miqueias**, podemos também nós repetir: "*Vós, Senhor, sois um Deus que tira a iniquidade e perdoa o pecado, que não Se obstina na ira, mas, Se compraz em usar de misericórdia. Vós, Senhor, voltareis para nós e tereis compaixão do vosso povo. Apagareis as nossas iniquidades e lançareis ao fundo do mar todos os nossos pecados*" (cf. 7, 18-19). Também as páginas do profeta **Isaías** (58, 6-11) poderão ser meditadas, de forma mais concreta, neste tempo de oração, jejum e caridade.

Sejam missionários

Na **Quaresma** deste Ano Santo, é minha intenção enviar os *Missionários da Misericórdia*. Serão um sinal da solicitude materna da Igreja pelo povo de Deus, para que entre em profundidade na riqueza deste mistério tão fundamental para a fé.

- a) Serão sacerdotes a quem darei autoridade de perdoar, mesmo os pecados reservados à Sé Apostólica, para que se torne evidente a amplitude do seu mandato.
- b) Serão sobretudo sinal vivo de como o Pai acolhe a todos aqueles que andam à procura do seu perdão.
- c) Serão missionários da misericórdia, porque se farão, junto de todos, artífices dum encontro cheio de humanidade, fonte de libertação, rico de responsabilidade para superar os obstáculos e retomar a vida nova do Batismo.

- d) Na sua missão, deixar-se-ão guiar pelas palavras do Apóstolo: « Deus encerrou a todos na desobediência, para com todos usar de misericórdia » (*Rm 11, 32*).
- e) Na verdade todos, sem excluir ninguém, estão chamados a acolher o apelo à misericórdia. Os missionários vivam esta chamada, sabendo que podem fixar o olhar em Jesus, « Sumo Sacerdote misericordioso e fiel » (*Hb 2, 17*).

Por isso, peço aos irmãos bispos que convidem e **acolham** estes Missionários, para que sejam, antes de tudo, pregadores convincentes da misericórdia. **Organizem-se**, nas dioceses, « **missões populares** », de modo que estes Missionários sejam anunciadores da alegria do perdão.

Seja-lhes pedido que celebrem o sacramento da **Reconciliação** para o povo, para que o tempo de graça, concedido neste Ano Jubilar, permita a tantos filhos afastados encontrar de novo o caminho para a casa paterna. Os **pastores**, especialmente durante o tempo forte da Quaresma, sejam solícitos em convidar os fiéis a aproximar-se « do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça » (*Hb 4, 16*).

Promovam a Oração e a Confissão

A iniciativa « *24 horas para o Senhor* », que será celebrada na **sexta-feira e no sábado anteriores ao IV Domingo da Quaresma**, deve ser incrementada nas dioceses.

Há muitas pessoas – e, em grande número, jovens – que estão a aproximar-se do **Sacramento da Reconciliação** e que frequentemente, nesta experiência, reencontram o caminho para voltar ao Senhor, viver um momento de intensa oração e redescobrir o sentido da sua vida.

Com convicção, ponhamos novamente no centro o **sacramento da Reconciliação**, porque permite tocar sensivelmente a grandeza da misericórdia. Será, para cada penitente, fonte de verdadeira paz interior.

Sejam confessores

Não me cansarei jamais de insistir com os confessores para que sejam um verdadeiro sinal da misericórdia do Pai.

Ser confessor não se improvisa. Tornamo-nos tal quando começamos, nós mesmos, por nos fazer penitentes em busca do perdão. Nunca esqueçamos que ser confessor significa participar da mesma missão de Jesus e ser sinal concreto da continuidade de um amor divino que perdoa e salva.

- a) Cada um de nós recebeu o dom do Espírito Santo para o perdão dos pecados; disto somos responsáveis. Nenhum de nós é senhor do sacramento, mas apenas servo fiel do perdão de Deus.
- b) Cada confessor deverá acolher os fiéis como o pai na parábola do filho pródigo: um pai que corre ao encontro do filho, apesar de lhe ter dissipado os bens.
- c) Os confessores são chamados a estreitar a si aquele filho arrependido que volta à casa e a exprimir a alegria por te-lo reencontrado.
- d) Não nos cansemos de ir também ao encontro do outro filho, que ficou fora incapaz de se alegrar, para lhe explicar que o seu juízo severo é injusto e sem sentido diante da misericórdia do Pai que não tem limites.
- e) Não hão-de fazer perguntas impertinentes, mas como o pai da parábola interromperão o discurso

preparado pelo filho pródigo, porque saberão individualizar, no coração de cada penitente, a invocação de ajuda e o pedido de perdão.

- f) Em suma, os confessores são chamados a ser sempre e por todo o lado, em cada situação e apesar de tudo, o sinal do primado da misericórdia.

Anunciem o Perdão

O Jubileu inclui também o referimento à **indulgência**. Esta, no **Ano Santo da Misericórdia**, adquire uma relevância particular. O perdão de Deus para os nossos pecados não conhece limites. Na morte e ressurreição de Jesus Cristo, Deus torna evidente este seu amor que chega ao ponto de destruir o pecado dos homens. É possível deixar-se reconciliar com Deus através do mistério pascal e da mediação da Igreja.

Por isso, Deus está sempre disponível para o perdão, não se cansando de o oferecer de maneira sempre nova e inesperada. No entanto todos nós fazemos experiência do pecado. Sabemos que somos chamados à perfeição (cf. *Mt 5, 48*), mas sentimos fortemente o peso do pecado. Ao mesmo tempo em que notamos o poder da graça que nos transforma, experimentamos também a força do pecado que nos condiciona. Apesar do perdão, carregamos na nossa vida as contradições que são consequência dos nossos pecados.

No **sacramento da Reconciliação**, Deus perdoa os pecados, que são verdadeiramente apagados; mas o cunho negativo que os pecados deixaram nos nossos comportamentos e pensamentos permanecem. A misericórdia de Deus, porém, é mais forte também do que isso. Ela torna-se **indulgência** do Pai que, através da Esposa de Cristo, alcança o pecador perdoado e liberta-o de qualquer resíduo das consequências do pecado, habilitando-o a agir com caridade, a crescer no amor em vez de recair no pecado.

A Igreja vive a comunhão dos Santos... A sua santidade vem em ajuda da nossa fragilidade, e assim a Mãe-Igreja, com a sua oração e a sua vida, é capaz de acudir à fraqueza de uns com a santidade de outros.

Portanto, **viver a indulgência no Ano Santo** significa aproximar-se da misericórdia do Pai, com a certeza de que o seu perdão cobre toda a vida do crente. Viver a indulgência é experimentar a santidade da Igreja que participa em todos os benefícios da redenção de Cristo, para que o perdão se estenda até às últimas consequências aonde chega o amor de Deus.

Vivamos intensamente o Jubileu, pedindo ao Pai o perdão dos pecados e a indulgência misericordiosa em toda a sua extensão.

Busquem a ovelha perdida

1. Que a palavra do perdão possa chegar a todos e a chamada para experimentar a misericórdia não deixe ninguém indiferente. O meu convite à conversão dirige-se, com insistência ainda maior, àquelas pessoas que estão longe da graça de Deus pela sua conduta de vida. Penso de modo particular nos homens e mulheres que pertencem a um grupo criminoso, seja ele qual for.

Para vosso bem, peço-vos que mudeis de vida. Peço-vos, em nome do Filho de Deus, que nunca rejeitou qualquer pecador embora combatendo o pecado,

2. Não caiais na terrível cilada de pensar que a vida depende do dinheiro e que, à vista dele, tudo o mais se torna desprovido de valor e dignidade. Não passa de

uma ilusão. Não levamos o dinheiro conosco para o além. O dinheiro não nos dá a verdadeira felicidade.

3. A violência usada para acumular dinheiro que transuda sangue não nos torna poderosos nem imortais. Para todos, mais cedo ou mais tarde, vem o juízo de Deus, do qual ninguém pode escapar.
4. O mesmo convite chegue também às pessoas fadoras ou cúmplices de corrupção.
 - a) Esta praga putrefata da sociedade é um pecado grave que brada aos céus, porque mina as próprias bases da vida pessoal e social.
 - b) A corrupção impede de olhar para o futuro com esperança, porque, com a sua prepotência e avidez, destrói os projetos dos fracos e esmaga os mais pobres. É um mal que se esconde nos gestos diários para se estender depois aos escândalos públicos.
 - c) A corrupção é uma contumácia no pecado, que pretende substituir Deus com a ilusão do dinheiro como forma de poder. É uma obra das trevas, alimentada pela suspeita e a intriga.
 - d) *Corruptio optimi pessima*: dizia, com razão, São Gregório Magno, querendo indicar que ninguém pode sentir-se imune desta tentação.
 - e) Para a erradicar da vida pessoal e social são necessárias prudência, vigilância, lealdade, transparência, juntamente com a coragem da denúncia. Se não se combate abertamente, mais cedo ou mais tarde torna-nos cúmplices e destrói-nos a vida.

Lutem pela Justiça

A misericórdia não é contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, converter e acreditar.

A experiência do profeta **Oseias** ajuda-nos, mostrando-nos a superação da justiça na linha da misericórdia. A época em que viveu este profeta conta-se entre as mais dramáticas da história do povo judeu. O Reino está próximo da destruição; o povo não permaneceu fiel à aliança, afastou-se de Deus e perdeu a fé dos pais.

Segundo uma lógica humana, é justo que Deus pense em rejeitar o povo infiel: não observou o pacto estipulado e, conseqüentemente, merece a devida pena, ou seja, o exílio. Assim o atestam as palavras do profeta: « Não voltará para o Egito, mas a Assíria será o seu rei, porque recusaram converter-se » (*Os* 11, 5).

E, todavia, depois desta reação que faz apelo à justiça, o profeta muda radicalmente a sua linguagem e revela o verdadeiro rosto de Deus: «O meu coração dá voltas dentro de mim, comovem-se as minhas entranhas. Não desafogarei o furor da minha cólera, não voltarei a destruir Efraim; porque sou Deus e não um homem, sou o Santo no meio de ti e não me deixo levar pela ira» (11, 8-9).

Santo **Agostinho**, de certo modo comentando as palavras do profeta, diz: « É mais fácil que Deus contenha a ira do que a misericórdia ». É mesmo assim! A ira de Deus dura um instante, ao passo que a sua misericórdia é eterna.

Se Deus Se detivesse na justiça, deixaria de ser Deus; seria como todos os homens que clamam pelo respeito da lei. A justiça, por si só, não é suficiente, e a experiência mostra que, limitando-se a apelar para ela, corre-se o risco de a destruir.

Por isso, Deus, com a misericórdia e o perdão, passa além da justiça. Isto não significa desvalorizar a justiça ou torná-la supérflua. Antes pelo contrário! Quem erra, deve descontar a pena; só que isto não é o fim, mas o início da conversão, porque se experimenta a ternura do perdão.

Deus não rejeita a justiça. Ele engloba-a e supera-a num evento superior onde se experimenta o amor, que está na base duma verdadeira justiça. Devemos prestar muita atenção àquilo que escreve **São Paulo**, para não cair no mesmo erro que o Apóstolo censurava nos judeus, seus contemporâneos:

«Por não terem reconhecido a justiça que vem de Deus e terem procurado estabelecer a sua própria justiça, não se submeteram à justiça de Deus...”. É que, o fim da Lei é Cristo, para que, deste modo, a justiça seja concedida a todo o que tem fé» (*Rm 10, 3-4*). Esta justiça de Deus é a misericórdia concedida a todos como graça, em virtude da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Portanto, a Cruz de Cristo é o juízo de Deus sobre todos nós e sobre o mundo, porque nos oferece a certeza do amor e da vida nova.

Sigam a prática de Jesus

Jesus fala mais vezes da importância da fé que da observância da lei. É neste sentido que devemos compreender as suas palavras. Quando, encontra-Se à mesa com Mateus e outros publicanos e pecadores, disse aos fariseus que O acusavam por isso mesmo: « Ide aprender o que significa: *Prefiro a misericórdia ao sacrifício*. Porque Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores » (*Mt 9, 13*).

Diante da visão duma justiça como mera observância da lei, que julga dividindo as pessoas em justos e pecadores, Jesus procura mostrar o grande dom da misericórdia que busca os pecadores para lhes oferecer o perdão e a salvação.

Compreende-se que Jesus, por causa desta sua visão tão libertadora e fonte de renovação, tenha sido rejeitado pelos fariseus e os doutores da lei. Estes, para ser fiéis à lei, limitavam-se a colocar pesos sobre os ombros das pessoas, anulando, porém, a misericórdia do Pai. O apelo à observância da lei não pode obstaculizar a atenção às necessidades que afetam a dignidade das pessoas.

A propósito, é muito significativo o apelo que Jesus faz ao texto do profeta Oseias: « Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios » (6, 6). Jesus afirma que, a partir de agora, a regra de vida dos seus discípulos deverá ser aquela que prevê o primado da misericórdia, como Ele mesmo dá testemunho partilhando a refeição com os pecadores. A misericórdia revela-se, mais uma vez, como dimensão fundamental da missão de Jesus. É um verdadeiro desafio posto aos seus interlocutores, que se contentavam com o respeito formal da lei. Jesus, pelo contrário, vai além da lei, a sua partilha da mesa com aqueles que a lei considerava pecadores permite compreender até onde chega a sua misericórdia.

Ultrapassem as fronteiras

A misericórdia possui uma valência que ultrapassa as fronteiras da Igreja. Ela relaciona-nos com o **judaísmo** e o **islamismo**, que a consideram um dos atributos mais marcantes de Deus.

1. **Israel** foi o primeiro que recebeu esta revelação, permanecendo esta na história como o início duma riqueza incomensurável para oferecer à humanidade inteira. As páginas do Antigo Testamento estão permeadas de **misericórdia**, porque narram as obras que o Senhor realizou em favor do seu povo, nos momentos mais difíceis da sua história.
2. O **islamismo**, por sua vez, coloca entre os nomes dados ao Criador o de Misericordioso e Clemente.

Esta invocação aparece com frequência nos lábios dos fiéis muçulmanos, que se sentem acompanhados e sustentados pela **misericórdia** na sua fraqueza diária. Também eles acreditam que ninguém pode pôr limites à misericórdia divina, porque as suas portas estão sempre abertas.

Possa este Ano Jubilar, vivido na misericórdia, favorecer o encontro com estas **religiões** e com as outras nobres **tradições religiosas**. Que ele nos torne mais abertos ao diálogo, para melhor nos conhecermos e compreendermos. Que elimine todas as formas de fechamento e desprezo e expulse todas as formas de violência e discriminação.

Tal como ama o Pai, assim também amam os filhos. Tal como Ele é misericordioso, assim somos chamados também nós a ser misericordiosos uns para com os outros.

Olhem para Maria

O pensamento volta-se agora para a Mãe da Misericórdia. A doçura do seu olhar nos acompanhe neste Ano Santo, para podermos, todos nós, redescobrir a alegria da ternura de Deus.

Ninguém, como Maria, conheceu a profundidade do mistério de Deus feito homem. Na sua vida, tudo foi plasmado pela presença da misericórdia feita carne. A Mãe do Crucificado Ressuscitado entrou no santuário da misericórdia divina, porque participou intimamente no mistério do seu amor.

Escolhida para ser a Mãe do Filho de Deus, Maria foi preparada desde sempre, pelo amor do Pai, para ser a *Arca da Aliança* entre Deus e os homens. Guardou, no seu coração, a misericórdia divina em perfeita sintonia com o seu Filho Jesus.

O seu cântico de louvor, no limiar da casa de Isabel, foi dedicado à misericórdia que se estende « de geração em geração » (Lc 1, 50). Também nós estávamos presentes naquelas palavras proféticas da Virgem Maria. Isto servir -nos-á de conforto e apoio, no momento de atravessarmos a **Porta Santa** para experimentar os frutos da misericórdia divina.

Ao pé da cruz, Maria, juntamente com João, o discípulo do amor, é testemunha das palavras de perdão que saem dos lábios de Jesus. O perdão supremo oferecido a quem O crucificou, mostra-nos até onde pode chegar a misericórdia de Deus. Maria atesta que a misericórdia do Filho de Deus não conhece limites e alcança a todos, sem excluir ninguém.

Dirijamos a Maria a oração, antiga e sempre nova, da **Salve Rainha**, pedindo-Lhe que nunca se canse de volver para nós os seus olhos misericordiosos e nos faça dignos de contemplar o rosto da misericórdia, seu Filho Jesus.

CARTADE DOMAIRTON JOSÉ DOSSANTOS

Orientações para que as Paróquias e suas comunidades possam celebrar melhor O Ano Santo da Misericórdia.

1. - cada **Paróquia** deverá estabelecer o Conselho de Pastoral Paroquial (CPP) como a **equipe responsável** de articular todas as atividades do Ano Santo da Misericórdia, e aquelas atividades que a criatividade dos membros da Paróquia vier a sugerir;
- 2- cada **Forania** deverá ter a sua equipe de animação e articulação;

3- a **Equipe Arquidiocesana** de Animação do Ano Santo da Misericórdia preparará, no decorrer de 2016, vários subsídios;

4- para esse momento ou etapa, será elaborado um **folheto** para a Abertura o Ano Santo da Misericórdia, um **roteiro** para a Celebração Penitencial, uma orientação sobre o Sacramento da Confissão e indicações de Exame de Consciência; será enviado para as Paróquias também um **roteiro** para os grupos de vivência ou de quarteirões. Buscar na Coordenação Pastoral. Já existem Encontros como **Fichas de Estudo** poderão ser encontradas com o coordenador do Ambiente Virtual de Formação (AVF) em nosso site - www.arquidiocesecampinas.com, Prof. Pedro Rigolo Filho.

5- para a **CELEBRAÇÃO DE ABERTURA DO ANO SANTO DA MISERICÓRDIA E DA PORTA SANTA**, a ocorrer no dia **13 de dezembro de 2015, às 9h30, na Catedral**, cada Paróquia deverá **enviar dois representantes** do seu Conselho de Pastoral Paroquial. Nesta celebração, será entregue o **símbolo (banner)** para que seja fixado em cada Paróquia.

Pedimos, ainda, que, se possível, sejam afixadas **faixas e cartazes** alusivos ao Ano Santo da Misericórdia, como uma forma de divulgação.

6- cada Paróquia deverá divulgar o **Ano Santo da Misericórdia** em todos os meios disponíveis;

7- as **Escolas Católicas** procurem estar envolvidas e participem conjuntamente com a Arquidiocese desta Programação;

8- para as **PEREGRINAÇÕES NAS IGREJAS DE REFERÊNCIAS** *devem agendar na secretaria a visita:*

= **NA CATEDRAL** = Sábados - 18h30 - Domingos - 9h30, 17h ou 19h - Durante a Semana - 19h30

·= **NA BASÍLICA DO CARMO** = **Horários das Celebrações**

- Sábados - 8h00 e as 17h - Domingos - 7h30, 10h e 18h30
- Durante a semana - 18h30.

Seleção de textos: Côn. Luiz Carlos F. Magalhães

Documento: Bula “Misericordiae vultus”

Sobre o Ano Santo Extraordinário da Misericórdia

Paróquia Cristo Rei, J. Chapadão, Campinas – 13070-099
Rua Elisiário Pires de Camargo, 210 – fone (19) 3242.0500
www.paroquiacruzorei.com.br
secretariacruzorei@terra.com.br

Diagramação, Arte e Impressão – MACROVEM
GRÁFICA

Côn. Luiz Carlos F. Magalhães
Pároco, jornalista, psicopedagogo